

B. N. L.
26 JUN 1979
DEP. LEG.



PORTO
PAGO

«O Povo não deve recuar ameaças de agitação e de manifestações e não deve ter medo, sobretudo há que vencer o medo de ter medo amanhã».

MOTA PINTO

(Preço avulso: 5\$00) N.º 721
ANO XXVII 5/4/1979

Composição e Impressão
«GRAFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
RIO MAIOR
Telef. 92091

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 62536 LOULÉ

DISCRETAMENTE a Primavera chegou

Por assim dizer a entrada oficial, pelo calendário, da Primavera, passou sem quaisquer variações climatéricas assinaláveis e notórias.

Nada, portanto, que a distinguisse abertamente desse Inverno do nosso «desconcerto», que deixou no País marcas profundas que levarão o seu tempo a cicatrizar.

Os dias cinzentos a interpolar com breves abertas continuaram e, as bátegas de água, não faltaram também, para surpreender os mais incautos e desprevenidos.

Mas, de forma bem discreta a Primavera deu um arzinho da sua presença.

As primeiras andorinhas surgiram, como que hesitantes, as desbrevadoras de iminente migração em massa, decerto as mais ousadas de enormes bandos que se hão-de derramar mais tarde, por todas as parcelas do território.

Eles são afinal as direcetas mensageiras desta estação, cujos contornos tardam em definir-se e a impôr-se.

Mas, não só as andorinhas compareceram para saudar a Primavera.

Actividade da Escola Hoteleira do Algarve

Terminou no passado dia 23 o Curso sobre «Food and Beverage Control» que decorreu na Escola de Hotelaria e Turismo do Algarve.

Este Curso obteve assinalável êxito, não só pela afluência havida, mas também pelo interesse que lhe imprimiu o seu orientador, Mr. Jack Tewey, Professor da Universidade de Cornell U. S. A.

O sucesso anima a Direcção da E. H. T. A. a prosseguir na dinamização que pretende efectuar na área do Ensino Turístico/Hoteleiro.

A traição de Abril(?)

Crónica de LUIS PEREIRA

E um homem interroga-se. Nas actuais circunstâncias, metido no labirinto do 25 de Abril, um homem chora as injustiças e o coração sangra lágrimas de luto. A que chegámos, PORTUGUESES! Nós que acreditámos na chama da liberdade! Hoje vou falar comigo, algumas referências que me parecem fundamentais e que não assentam em paixões competitivas ou em gestos doseados de narcisismo. Porque sou um desses PORTUGUESES traídos. E até não pertenci a qualquer aparelho do antigo regime, nem sou capitalista, nem uma personalidade grada ou um herói de ressonância. Também não sou um homem seco, rígido, frio, sisudo.

«O Governo condena a administração comunista que arrazou o País em 1975 e a agitação que contraria a sua recuperação».

MOTA PINTO

A Voz de Loulé

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

Ano Internacional da Criança

por
MANUEL FARIA

São decorridos 3 meses neste tão falado Ano Internacional da Criança, faltando portanto ainda nove meses, tempo suficiente para muitas outras crianças chegar a este mundo a tempo de contemplar este seu ano de festa. Há que não aguardar para o fim,

(continua na pág. 5)

Comissão Pró-Museu conta já com o concurso da sua secção de espeleologia

Como se inseriu nos seus propósitos a Comissão Pró-Museu de Loulé, consciente de que o seu objectivo terá de se basear no desdobramento de secções especializadas e operantes, acabou recentemente por aceitar a colaboração de um grupo de jovens estudantes que se dedica há cerca de quatro anos à investigação de grutas, e portanto, à espeleologia.

Deste modo, na senda de uma orientação que propugna ser dinâmica e que por certo se estenderá a outras actividades congénere, a Comissão aludida formou a secção de espeleologia, a qual, paralelamente ao seu trabalho de investigação, agregará também a pesquisa arqueológica.

Para que essa secção possa mais eficientemente exercer a sua acção, propõe a Comissão à Câmara Municipal de Loulé a aquisição de algum equipamento considerável essencial.

Entretanto, dado que se torna conveniente, preliminarmente, definir um programa metódico de futuras prospecções a levar por diante, estão todos os elementos

empenhados em coligir, numa carta geográfica, os dados esparsos existentes em diversos mapas.

Deste modo a secção de espeleologia vem juntar-se à secção de etnografia que por seu turno está a preparar-se para uma campanha a recolher de artesanato regional.

Tem oportunidade frisar que a secção de arqueologia ficará bre-

(continua na pág. 4)

CANTANDO E RINDO

É assim a Democracia em Portugal

No dia 17 de Março de 1979, milhares de anti-fascistas portugueses «desceram à rua para expressarem, com humor sádico e

CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE REGRESSADOS DE MOÇAMBIQUE

Um grupo de regressados de Moçambique pretende promover uma jornada de confraternização e convívio entre todos os regressados daquele território residentes no Algarve.

Para o fim em vista, formula aqui, por intermédio deste jornal, um convite, aproveitando o ensejo para informar que o local da concentração se situa na «Fonte Grande» em Alte, no próximo dia 10 de Junho, onde terá lugar um piquenique-convívio.

Todos os que se associarem a esta iniciativa devem ser portadores do respectivo farol.

Água há em abundância.

EM LOULÉ

FESTAS da Mãe Soberana

Na esteira de antiquíssima, venerável e indelével tradição, estão já em marcha os preparativos das Festas da Mãe Soberana, solenidades estas que fornecerão uma edição renovada de peculiar religiosidade da gente algarvia.

As festas que decorrerão a 28, 29 e 30 de Abril próximos, serão, ao que conseguimos apurar, abrilhantadas pelo prestimoso concurso da Banda de Música da Força

Aérea, Banda Filarmónica de Torres Vedras, Fanfarra dos Bombeiros de Faro e ainda da Banda Artistas de Minerva, vulgo «Música Nova».

No próximo número, projectamos dar à estampa o programa completo da procissão e cerimónias que serão, nas datas supracitadas, levadas a efeito em Loulé, em honra e louvor a Nossa Senhora da Piedade.

V Volta ao Algarve em Bicicleta

necessidade urgente de organizar a 5.ª edição da Volta ao Algarve em Bicicleta, prova velocipédica de créditos já bem firmados no calendário do ciclismo nacional.

Atentas que foram, e criticamente analisadas, as condicionantes que naturalmente enfermam a montagem de uma «máquina» deste género, no curto espaço de pouco mais de dois meses, acrescidas do facto de se encontrarem praticamente vazios os cofres da Associação de Ciclismo de Faro, chegou-se no entanto à conclu-

(continua na pág. 6)

NOVA «IMAGEM» DA TAP: AIR PORTUGAL

A partir do passado dia 24 de Março os Transportes Aéreos Portugueses passaram a designar-se, progressivamente de Air Portugal.

A alteração foi revelada aos órgãos de comunicação social, tendo-se na ocasião frisado de que a imagem visual consiste fundamentalmente na modificação das cores da empresa que passam a ser o verde e o vermelho.

As vantagens destas alterações foram destacadas pelo seu responsável, Mário Félix, como sendo o aumento de penetração nos mercados tradicionais, uma mais rápida e melhor identificação da

(continua na pág. 5)

LÍNGUA PORTUGUESA

«Língua portuguesa, criada ao sol do mar, batida pelos ventos da montanha, língua que embalou heróis e santos, língua que as ondas do Atlântico conheceram e dilataram, é ela a fronteira última de Portugal no Mundo... Foi a língua do Infante, de Vasco da Gama, de Pedro Álvares Cabral, de Albuquerque — a língua em que moldámos raças e construímos pátrias...»

AUGUSTO DE CASTRO

É assim a Democracia em Portugal

(continuação da pág. 1) liberdade de protestar enérgica e publicamente contra um Governo Constitucional.

E fazem-no livremente e com autorização do próprio governo atacado.

Como esta manifestação foi organizada pelo IP. C. P. é evidente que a tal acontecimento devia ter sido dado enorme relevo na escassa e monopolizada imprensa soviética para que os camaradas comunistas saibam do «grande apoio que têm no estrangeiro».

Mas nós pensamos que esses mesmos camaradas devem ter ficado ruídos de inveja por verificarem que, afinal, vivem no Paraíso das «mais amplas liberdades» mas onde ninguém se atreve a organizar qualquer manifestação contra o seu próprio governo ou contra qualquer coisa que não lhes agrade, pois sabem de antemão que teriam de enfrentar a metralha dos tanques russos e, os sobreviventes, seriam desterrados para a longínqua e gélida Sibéria.

Mas em Portugal não. Em Portugal é diferente. Aqui, neste cantinho à beira-mar plantado, qualquer comunista pode agora erguer a sua voz e, para o fazer a plenos pulmões nas ruas de Lisboa basta «não hesitar em

afrontar o mau tempo, mesmo que seja quase permanente, para que a expressão da sua força fique marcada a letras de ouro, na história da luta dos trabalhadores contra um regime que os explora impiedosamente e agrava cada dia que passa, as suas condições de vida, de trabalho e de liberdade, na comunicação social. «Impressionante, a ponto de fazer chorar muita gente, notando-se grande entusiasmo nos gritos das palavras de ordem».

Fim de citação.

Não transcrevemos mais palavras porque seria uma repetição da cassette que os nossos leitores já conhecem, mas queremos salientar que estas explosões de alegria, de espontaneidade, de entusiasmo, de vivacidade, de emoção, de grandiosidade, devem ser de tal maneira contagiantes que chegamos a pensar que nelas talvez já possam estar infiltradas de dissidentes soviéticos que participam nestas manifestações de força anti-governamentais com o objectivo de se preparam para um dia sair à rua em Moscovo e tentarem derrubar um governo que há 60 anos despoticamente manipula e subjuga à mais feroz tiranía um povo a quem prometeu tudo e apenas expôr impiedosamente como senhor absoluto e incontestado, agravando em cada dia as suas humilhantes e precárias condições de vida e de liberdade, não lhe permitindo um grito de revolta, uma palavra de queixume, um lamento de angústia e impedindo-o de se realizar como homem cioso dos seus pensamentos e ações.

O cidadão soviético não tem liberdade de expressão. Não pode falar contra o governo. Não pode circular livremente no seu próprio país. Não pode sonhar com um passeio ao estrangeiro... a não ser que vá de tanque.

Ao cidadão soviético (que há 60 anos suporta uma longa e tenebrosa noite social-fascista) não é permitido organizar manifestações de rua nem promover greves, nem reivindicar o que quer que seja. Ele é apenas um autómato que obedece cegamente, e sem refilar, às ordens do Patrônio-Estado.

Eis a grande, fundamental e surpreendente diferença entre «a jovem democracia portuguesa» e aquilo a que os comunistas chamam «democracia socialista». Por isso temos pena do Povo Soviético.

★

No dia 17 de Março, mais uma vez os comunistas portugueses deram largas às suas exuberantes explosões de incontida alegria por viverem num país tão livre que qualquer partido pode vir para a rua protestar contra o que quiser.

Oxalá o eco das suas vozes chegue a Moscovo sem deturações para que aí se saiba co-

mo é bom viver-se em Democracia.

Foliões de «punho fechado» deram largas à sua alegria, cantando em coro frases carnavalescas.

Só não houve serpentinas porque o Carnaval já tinha acabado, mas houve bandeirinhas de todos os cores e, entre as «máscaras», distinguiram-se meninas progressistas vestidas à moda das ceifeiras alentejanas, e que prova que os fatos «à moda do Minho» não têm lugar nestes carnavaços.

Como seria possível tanta e rancorosa alegria, tantas plasférias contra um governo, se não vivêssemos realmente em democracia?

Que governo totalitário (quer fosse de Salazar ou Brejnev) consentiria tamanhas ofensas? É evidente que não.

Como é bonito viver em Democracia.



Quando terá o Povo Soviético ânimo e força suficientes para (através dos seus legítimos representantes) derrubar governos de 2 em 2 meses (como tem acontecido agora em Portugal) e escolher os governantes que melhor sirvam os seus interesses?

Quando chegará a hora da libertação do Povo Soviético,

Os comunistas portugueses devem sentir-se muito felizes por viverem num país onde não só podem dizer que o são como até exteriorizar as suas ideias... marxistas tal como se vivessem na U. R. S. S., onde, qualquer cidadão, goza de liberdade de criticar os Presidentes Carter ou Pinochet e até pode insultá-los.

É essa a «sua» democracia.



Depois de termos redigido este breve apontamento acerca do que se passou em Lisboa, sentimo-nos tristes e frustrados por repararmos que, afinal, os comunistas continuam a odiar a Democracia, pois se assim não fosse não exteriorizariam o seu ódio em apoio a um governo que pretende corrigir os erros cometidos neste pobre país ao longo dos últimos anos.

As bombas que rebentaram em Braga não foram atiradas somente contra pacíficos cidadãos. Foram principalmente contra a jovem Democracia portuguesa.

PEREIRA DA SILVA

PROPRIEDADE

Vende-se uma propriedade, com amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras e boa terra de semear. (Próximo da Vila).

Tratar na Rua Condestável D. Nuno Álvares Pereira, 3 — LOULÉ.

(4-4)

APARTAMENTO

Vendem-se apartamentos de 3 assolhadas, situados próximo do Liceu de Faro, (frente à mata) prevendo-se a sua conclusão até Setembro ou antes. Tratar com o próprio: Manuel B. Filipe Viegas — Vale d'Éguas — Almansil — Telef. 94115.

(2-2)

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSE VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 1 A 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA & FILHOS, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

SEGUNDO CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria Odilia Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 19 de Janeiro, deste ano, lavrada de folhas 1, verso a folhas 3 do Livro n.º C-57 de notas para Escrituras Diversas do cartório acima indicado, foi constituída entre José dos Santos Pereira, Anabela Inácio Pereira e Helder José Inácio Pereira, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «José dos Santos Pereira & Filhos, Lda.», e tem a sua sede no sítio da Campina de Cima, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé.

2.º — O seu objecto consiste na indústria e comércio de panificação e pastelaria, com estabelecimento de fabrico no local da sua sede, podendo dedicar-se a qualquer outra actividade comercial ou industrial que os sócios acordem explorar, e durará por tempo indeterminado, iniciando-se hoje a sua actividade.

3.º — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é do montante de 900 000\$, dividido em três quotas; uma de 500.000\$00, pertencente ao sócio José dos Santos Pereira, e duas de valor de 200.000\$00, cada uma, pertencente uma a cada uma dos restantes sócios.

4.º — A gerência da sociedade, dispensada de caução, será exercida pelos sócios José dos Santos Pereira e Helder José Inácio Pereira, que desde já ficam nomeados gerentes, com a remuneração que vierem a acordar em assembleia geral.

§ 1.º — Para obrigar a sociedade é suficiente a assinatura do sócio gerente José dos Santos Pereira.

§ 2.º — A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

5.º — Não são exigíveis prestações suplementares ao capital social, mas os sócios poderão fazer os suprimentos de que a caixa social careça, nas condições acordadas em Assembleia Geral expressamente convocada para o efeito.

6.º — É livremente permitida entre os sócios a cessão de quotas, no todo ou em parte.

7.º — A cessão a estranhos só poderá efectuar-se com prévio e expresso consentimento da sociedade, à qual é sempre reservado o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios, em segundo.

§ único — Para a concretização deste direito deverá a cessão ser comunicada à sociedade e a cada um dos sócios, por carta registada com aviso de recepção, ficando desde já estabelecido que o preço corresponderá ao valor nominal da quota, acrescido dos fundos de reserva da sociedade.

8.º — Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da Assembleia Geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 26 de Março de 1979.

O 3.º ajudante,
Maria de Fátima Guerreiro Rodrigues

SERRALHEIROS CIVIS

Precisam-se. Tratar com Júlio Gonçalves — Telef. 63193 — Loulé - Gare.

(3-2)

Vende-se

Uma courela de terra de semejar e mato com árvores, no sítio da Espraguina (denominada Campina de Baixo); outra de semejar com árvores no sítio da Piedade; outra de semejar e mato com árvores na Cova da Piedade e um bocadão de mato com árvores no sítio da Piedade, (denominada cerro das Pedras), pertencentes a Bernardo Maria Cavaco B. da Silva Rodrigues, morador em Linda-a-Velha.

Tratar na Rua Gil Vicente, 7, r/c, Esq. — LOULÉ.

(4-3)

TRESPASSA-SE

Mercearia situada na Rua Eng.º Duarte Pacheco, n.º 123 — Loulé.

Tratar no próprio local.

COMPRO

Ouro, pratas, relógios de bolso antigos e moedas. PA-GO BEM.

Ouvreloaria Dinis — Telf. 65527 — QUARTEIRA.

(12-11)

JALEX - PUBLICIDADE

RECLAMES LUMINOSOS
CARTAZES PUBLICITÁRIOS



Telefone 53247
Rua 5 de Outubro

ALBUFEIRA
(10-4)

CANTINHO DA CRIANÇA

SECÇÃO DE E PARA A CRIANÇA

A CRIANÇA E A ÁRVORE...

O «Cantinho» não se esqueceu do «Dia da Árvore», embora já ultrapassado quando este jornal sair a lume — por isso fala nele. Nem deixa de associar-te, caro e juvenil leitor e colaborador, à sua data — e por isso fala de ti. Temos pois «criança e a árvore», de braço dado, a legendar este pequeno intróito, que te é expressamente dirigido, sem marginalizar a árvore amiga, claro está.

Pelo contrário, é intenção nossa invocá-la e trazê-la à tua lembrança.

Mas serás tu que te ocuparás dela e dirás então o que pensas dos seus úteis atributos.

Portanto, em retrospectiva, este «Cantinho» concadente-á espaço para te debruçares sobre tão agradável tema... que as árvores, além das sombras amigas, da madeira, dos frutos e do oxigénio...

Sempre nos oferecem!

O convite aqui fica, certos de que não deixarás de corresponder.

A minha boneca

Eu, hoje, fiz na escola a minha boneca de trapos e, cada vez que tocava nela, ela ia ficando melhor.

Quando acabei de a fazer baptizei-a com o nome de Zefer.

Em casa, fiz outra e baptizei-a com o nome de Sónia.

A que eu fiz na escola ofereci ao meu querido sobrinho que vai nascer e a boneca Zefer vou oferecer ao meu filho quando eu for casado.

Mas se a boneca andasse mandava-a fazer o meu almoço.

Jorge Manuel Martins Olímpio — 9 anos

FALECIMENTO

No Hospital de Faro, faleceu no passado dia 25 de Março o sr. José Duarte Jorge Marques, natural de Buarcos (Figueira da Foz), que residia em Loulé há 14 anos e era encarregado de Construção Civil da firma Carapeto & Tavares, Lda. Contava 38 anos de idade e deixou viúva a sr.ª D. Maria de Lourdes da Silva Ferreira Marques.

O saudoso extinto era filho do sr. António Marques (falecido) e da sr.ª D. Maria Adelaide Jorge e pai dos jovens Lino, Carlos, Sofia e Rosa.

O funeral realizou-se no dia 27 na sua terra natal.

O infarto acontecimento causou profunda consternação entre os seus muitos amigos e conhecidos.

A família enlutada apresentamos sentidas condolências.

CARIMBOS

Executam-se na
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Tel. 62536 — LOULÉ

LOUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

(10-3)

REX (Conto)

Rex é um cão lôr do sol, ao pôr do sol. É vermelho. Mas um vermelho tingido de sombras negras.

Um dia, fugiu de casa, pensando que era o melhor, pois o dono batia-lhe.

Tentou subir o arco-íris, mas não conseguiu. Foi levado pelo vento...

Foi levado... Foi levado... Até que chegou ao país das bruxas...

Viu um gato. Um gato cor da penumbra. Como odeia gatos, começou a correr atrás dele, a ladrar como um trovão... De repente, o gato desaparece... umas grades fecham-se... Aparece uma bruxa, deitando faiscas dos olhos, com um braço negro. Rex, com medo, começou a tremer... a tremer...

Uma hora depois, hora que lhe pareceu um século, acordou, mas o seu corpo não era o mesmo... Estava numa forma inimaginável... Parecia um monstro? Não! Muito pior...

Então apareceu a bruxa com uma varinha. Rex, com o desespero que se tinha apossado dele, tentou fugir, mas estava preso por barra invisíveis. Então, a varinha da bruxa deitou uma faísca. Era de todas as cores... Talvez nem tivesse lôr... Ela nada via. Mergulhou no país dos sonhos...

Dormiu dois anos? Talvez três! Ninguém sabe ao certo!

Só se sabe que estava dentro de um castanheiro... Como se fizesse parte dele.

Quando Rex foi para lá, era um castanheiro novo... Novo como uma semente...

Aos poucos, o castanheiro tornou-se velho... oco.

Então ele acordou, já não era monstro... Estava belo!... Alimen-

tara-se da seiva da árvore... Era belo...

Mas estava preso. Gritou... gritou até não poder mais...

Então apareceu uma cadelinha. Era branca, branca como as nuvens limpas da Primavera...

Lançou-lhe uma corda... Salvou-o...

Casaram e foram muito felizes para sempre.

José Duarte dos Santos Rodrigues — 12 anos
Escola Preparatória de Faro

A MINHA BONECA E O MEU BONECO

Eu tenho um boneco e uma boneca e gostava que ele e ela ficassem comigo. Vou baptizá-los. A boneca vai-se chamar Armanda Assunção e o boneco, vai-se chamar Herculano Quintanilha!

Herculano Quintanilha nasceu em minha casa e Amanda Assunção nasceu na Escola, quer dizer que a minha boneca é portuguesa e o Herculano também é português.

Foram feitos de trapos de seda, lã, linhas, etc...

Gosto muito deles e são um casal.

José Miguel Mineiro França Alves — 9 anos

Vendem-se

Lojas na Praça da República, onde se encontram as instalações do café Faztudo e Sapataria Fátima. Tratar pelo Telefone 62776 (a partir das 19 horas).

(3-3)

MINISTÉRIO
DA INDÚSTRIA
E TECNOLOGIA
DIRECÇÃO-GERAL
DOS COMBUSTÍVEIS

EDITAL

Faz-se público que, SHELL PORTUGUESA, SARL, pretende obter licença para uma instalação de armazenagem de gás propano, com a capacidade aproximada de 4,48 m³, sita, Rua Ascensão Guimarães, freguesia e concelho de Loulé, distrito de Faro.

E como a referida instalação se acha abrangida pelas disposições do Decreto n.º 29 034, de 1 de Outubro de 1938, que regulamenta a importação, armazenagem e tratamento industrial dos petróleos brutos, seus derivados e resíduos e pelas dos Decretos n.º 36 270, de 9 de Maio de 1947, e 422/75 de 11 de Agosto, que aprovam a Regulamentação de Segurança daquelas instalações, com os inconvenientes de perigo de incêndio, explosão e derrames, são por isso e em conformidade com as disposições do citado Decreto n.º 29 034, convidadas as entidades singulares ou colectivas, a apresentar, por escrito, dentro do prazo de 20 dias, contados da data da publicação deste edital, as suas reclamações contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Repartição, na Rua da Beneficência, n.º 241, de Lisboa.

Lisboa e Direcção-Geral dos Combustíveis, 7 de Março de 1979.

O Director dos Serviços,
(Assinatura ilegível)

A Voz de Loulé, n.º 721 de 5-4-79

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE LOULÉ

ANÚNCIO

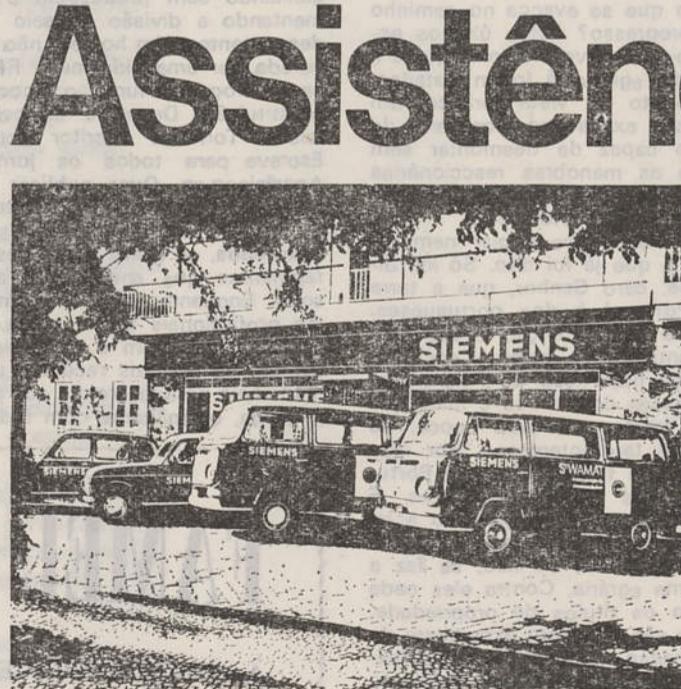
(2.ª publicação)

No dia 10 do próximo mês de Maio, pelas 15 horas, no Tribunal Judicial desta comarca de Loulé, nos autos de execução por custas n.º 61-B/76 que corre pela 1.ª secção, em que é exequente o Ministério Público e executados Manuel Pereira Júnior e mulher Sara Rocha Sá da Costa e Pereira, proprietários, moradores na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro, n.º 77, em Lisboa, há-de ser posto em praça pela 1.ª vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, um prédio misto, no sítio do Barranco do Velho, freg.º de Salir, concelho de Loulé, que se compõe de casas de habitação com vários compartimentos e três dependências e terra de semear com sobreiras, denominado «Entroncamento», descrito na Conservatória do Registo Predial sob os n.ºs 32.894, a fls. 197 v.º do Liv.º B-83 e 36.143, a fls. 120 do Liv.º B-92 e inscrito nas respectivas matrizes, a parte urbana sob o art.º 2104 e a rústica sob o n.º 8884, o qual vai à praça no valor global de 196 800\$00, sendo depositário do mesmo prédio João da Silva, casado, proprietário, residente em Loulé.

Loulé, 21 de Março de 1979.

O Juiz de Direito,
Mário Meira Torres Veiga
O Escrivão de Direito,
João do Carmo Semedo

SIEMENS



**Assistência
técnica
em Faro**

Temos à sua disposição:

- pessoal especializado
- peças genuínas
- acessórios de origem
- reparações ao domicílio
- prestação de informações técnicas

Electrodomésticos e televisores Siemens

Reforma Agrária é tema controverso

O DR. DIAS COSTA responde à «Voz de Loulé»

(Continuação do último n.º)

Fala depois, V. Ex., o que foi isso da importação de cortiça? Porque quis, menos honestamente, convencer os seus leitores que diminuiu a produção de cortiça. Deixemo-lo com estes problemas de consciência e passemos à frente. Nós fomos, como diz, e somos, os maiores exportadores de cortiça. Até por que a isso sómos obrigados uma vez que produzimos 65% (sessenta e cinco por cento) do total da cortiça do Mundo e não substituindo ela o pão temos de a exportar dado que não temos utilização para ela dentro do País. Mas, meu caro Senhor, com a devida vénia, volto a pôr-lhe outra pergunta: quantas vezes exigiu no seu jornal, ao longo dos vinte e sete anos de existência dele, que se criasse um organismo oficial e científico para o estudo do aproveitamento da cortiça única matéria prima que temos em abundância (pelo menos em termos de exploração actual) e com respeito à qual, mesmo depois de trabalhada, não recaemos concorrentes? Um pouco mais de paciência e mais um esclarecimento, pois, ao que parece, V. Ex., vive na ignorância do facto: nós temos importado cortiça desde sempre mas trabalhada. Vendemo-la em bruto e compramo-la, depois, transformada. Não sei se hoje ainda assim é mas não vai longe o tempo em que importávamos rochas... de cortiça! Da nossa cortiça. E o que tem a reforma agrária com isso? Com a importação ou exportação de cortiça?

Muito poderíamos ainda dizer-lhe, Senhor Director de «A Voz de Loulé» mas pensamos seriamente que não vale a pena. V. Ex. pisava terrenos tão falsos e tão falsamente pisados que poderíamos ir muito longe. Mas, exactamente, não vale a pena. Coisinhos tão ingênuos e tão afastados do verdadeiro problema da reforma agrária ou tão gritantemente distorcidas ou sintomáticas de má vontade que as deixaremos de lado. Qualquer vê o alcance delas. E por outro lado nós não somos professor de economia. No entanto reconhecemos que V. Ex. bem precisado está da lição. E é pena que não tenha agido de modo a merecer-lá.

Sendo assim vamos ao «cúmulo dos cúmulos». A escandalosa importação de vinho «pela 1.ª vez na nossa história». Não sei se como historiador V. Ex. é melhor que agricultor e político. Admitamos, por comodidade, que sim. Mas explique-nos, se faz o obséquio, o que tem a reforma agrária com isso. Com o facto de se importar vinho. E logo da Bulgária... já é preciso ter azar! O que tem a reforma agrária com o facto de

a colheita de vinho última ser a pior (mais reduzida) dos últimos quarenta anos? E que o consumo seja hoje muito maior? Aliás, não sabe V. Ex. a que a produção de vinho se verifica, na sua quase totalidade, em regiões do País que estão fora da área de intervenção da reforma agrária? Palavra de honra, sr. Director, esperava tudo menos isto. Nem com a ajuda de Rio Maior...

Eu vou ser-lhe sincero. Vou dizer-lhe o que se passou comigo quando li o «capítulo» das importações do seu tão notável e corajoso comentário. Mas, por favor, não se irrita. Tenhamos calma porque estas coisas acontecem. São naturais. Ora quando eu, como ia dizendo, li o referido «capítulo» do vosso desassombroado comentário (que o é, seguramente), eu desabei a rir como já há muito tempo não me acontece. Garanto-lhe que não foi de V. Ex., nem por via de V. Ex., que não conheço e que julgo ser um homem respeitável. Foi só porque a infelicidade de me vir à memória, no momento, o nome do Professor Nikita Krilov. V. Ex. não conheceu o Prof. Nikita Krilov. Nem eu. É uma personagem do adorável Tchekoff. Como sabe, os russos (e o Prof. Nikita Krilov era russo) e os alemães, têm entre eles os seus despeitos. Tal como aconteceu entre franceses e ingleses. Ou entre portugueses e espanhóis. Pois o Prof. Nikita Krilov ao banhar-se um dia (certamente nas férias estivais) nas águas do Báltico, achando a água muito fria, logo exclamou sem mais aquelas: «Patifes dos alemães! Claro, estava-se mesmo a ver que eram os alemães os culpados da algidez das águas do Báltico! E daí as minhas gargalhadas. É que, V. Ex., na sua incompreensão e nos seus despeitos (não quero admitir que seja ódio) contra a reforma agrária também não hesita em «saídas» daquele jaez e por isso acudir-me à memória o Prof. Nikita Krilov. Não há azeite nos distritos de Faro, Castelo Branco, Lisboa, Leiria, Coimbra, Guarda, Viseu, Aveiro, Bragança, Vila Real, etc.? Imediatamente, automaticamente, V. Ex. dispara: patifes dos alentejanos da reforma agrária! Os distritos de Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real, Viseu, Aveiro, Coimbra, Leiria, Lisboa, etc. não dão vinho? V. Ex., logo fuzila: patifes dos alentejanos da reforma agrária! E a catástrofe provocada pelas cheias no Ribatejo concerteza que também é da responsabilidade da reforma agrária.

A propósito mais outra questão: V. Ex., que dispõe de um órgão de comunicação social, já alguma vez pensou, em termos públicos e em voz alta, na razão das cheias do Tejo. Alguma vez acusou os desgovernantes dos tal cinquenta anos de «paz», ordem e continuidade governativa, de terem ignorado tal problema quando é certo que esbanjaram milhões que dariam para muitas obras como a que se impõe seja realizada para a solução do mesmo problema? E, fique a saber, a solução é muito simples. Pode dizer publicamente que há um sujeito, que sou eu (e deve haver milhares de portugueses nas mesmas condições) que traz de há muito a solução do problema na algibeira. Como disse, muito simples: algumas dezenas de quilómetros de canal e não haverá mais catástrofes. Canal aberto um pouco a montante de Abrantes; elevação à quota adequada à derivação das águas excedentes à capacidade de escoamento do Tejo; aproveitamento da ribeira de Muge e um pouco acima de Raposeira seguir com o canal em direção ao estuário do Sado. Admite variantes que reforçam, se

necessário, a eficiência da solução. Como se vê nem chega a ser um «ciclópico trabalho». Só tem de ciclópico o ter sido heraldo (por fazer) de «ciclópicos» desgovernantes. E para o Mondo praticar-se-a solução idêntica que outra não há. Nada que se pareça com as obras realizadas pelos holandeses, v. g. Simplesmente enquanto os holandeses tiveram e têm governos com capacidade de realização e elevada compenetração dos seus deveres de governantes, nós tivemos e temos governos de «génios» desgovernantes e que voltaram as costas aos interesses do país. Nem nada se pareça com o que fizemos, já lá vão mais de três mil e trezentos anos! Os egípcios dos tempos dos Faraós, da XVIII dinastia, que abriram canais a ligar o Mediterrâneo ao mar Vermelho e que séculos depois, por motivo de crises sociais, políticas e predominantemente religiosas foram abandonadas e entulhados por ação do tempo vindo a ser reabertos, com traçado não muito diferente, por F. Lesseps, em 1869, com o nome de canal de Suez.

E, agora que temos um exército em férias, era tão simples, tão belo e tão rápido, eliminar as possibilidades de cheias catastróficas dos nossos rios! Mas isso só se fará em democracia. Quer dizer quando se fizer a reforma agrária.

Mas não se vá, V. Ex., sr. Director, sem mais esta que é o ponto final: diz o Senhor que tudo está (nesta disputa entre Estado e trabalhadores) em cumprir-se a lei. Que o Estado quer a lei cumprida e os trabalhadores fogem ao cumprimento. Mas qual lei? A da onra-revolução? Claro que teria grande alcance a fiscalização do Estado. Até porque isso impressionaria muito favoravelmente certa faixa da população que, muito naturalmente, tem medo daquilo que não comprehende. Mas fiscalização, intervenção, construtiva. Não destrutiva. Onde estão os setecentos mil hectares excessivamente acumulados e ainda a expropriar? É assim que se faz justiça social? É assim que se corrige situações gravosas para o País e para o Homem? É assim que se avança no caminho do progresso? Estes últimos aspectos do grave problema que é a reforma agrária já foram tratados, do ponto de vista jurídico, em análises exaustivas, por parte de gente capaz de desmontar sem apelo as manobras reaccionárias e os fins que visam. Para essas análises os remetemos.

Não queremos copiar nem repetir o que já foi dito. Só lhe dizemos, caro Senhor, que a terra de Portugal é dos portugueses. Que a sua detenção e uso tem de entender-se sempre em função da população do País e dos interesses dela e não é mais que uma forma, em cada época, de realizar tais interesses. Por isso mesmo já foram feitas em Portugal várias reformas agrárias. E esses interesses é que são a lei que num dado momento histórico diz se sim ou não, se faz a reforma agrária. Contra eles nada valem os títulos de propriedade. Estes são um mero expediente de arrumação, de ordenação, da exploração da terra. E num País com a extensão de Portugal, os tipos de terra que possui e move milhões de habitantes, o simples facto de existirem homens que detêm, como donos, largas centenas e mesmo milhares de hectares de terra, diz-nos, logo, que a arrumação está mal feita ou, se o preferir, desactualizada.

Cordialmente, admirador de V. Ex.,

Francisco Dias da Costa

N. da R. — Por carência de tempo e de espaço só no próximo número publicaremos a nossa resposta ao Dr. Dias Costa.

TRAIÇÃO DE ABRIL(?)

(continuação da pág. 1)
ruins. De santo a filho da..., já me chamaram tudo! Mas não me esconde. Nem me retrai. Nem me desvio.

Fosse pelo que fosse, os PORTUGUESES, não mereciam que um grupo de orgulhosos, agravados de ressentimentos e contagiados pela paixão de mandar desgovernantes. E para o Mondo praticar-se-a solução idêntica que outra não há. Nada que se pareça com as obras realizadas pelos holandeses, v. g. Simplesmente enquanto os holandeses tiveram e têm governos com

cuidado passeiam burguevemente comem socialisticamente, emitem mensagens moderadas democraticamente, para encobrirem os seus golpes. E se aparece um emprego porque um indivíduo lá arranja um padrinho com muito esforço, a tropa seringa-nos a Vida. Mesmo sem guerra.

É o vazio completo. Um homem é uma máquina para servir a técnica totalitária da incompetência. E essa cambada de ignorantes, que servem os canhões de partidos ditatoriais, ainda nos acusam de reaccionários, de fascistas, etc. Só porque conscientemente não enfiámos no atoleiro da traição! Invejas no íntimo para não perderem os seus sagrados direitos. Ofendem. Insultam. Revelam-se incapazes de dialogar. A única virtude que têm é que souberam decir as palavras falsas das doutrinas dos seus partidos.

Os jovens saem das escolas, frustrados, cépticos em relação ao futuro, desiludidos com o socialismo e a igualdade que nos apregoaram. Vivemos numa sociedade em que nos proibem de emendarmos os nossos erros e as nossas faltas mais graves. E, então, inventaram mil e uma maneiras de nos inutilizarem. O serviço cívico, o exame de aptidão, o ano pré-doutor. As lavagens ao cérebro. Não há nenhum projecto educativo. Não existe uma Escola digna.

Resistindo a todos os atropelos e crimes mencionados, à estupidez da loucura colectiva, sou, felizmente, um homem liberto de quaisquer vícios. Aliás, o único vício que tenho é o de poder desmascarar as traições de que sou vítima. Um ponto positivo do 25 de Abril. Tenho em meu poder uma carta do ex-ministério de Cardia. Acerca de exame de aptidão, pior que o fascismo: COMO TODOS OS ESTUDANTES SEM DIREITO A REVISÕES DE PROVAS. Processos pouco límpidos de eliminação.

Marginalizado deste misterioso Ensino, um homem procura emprego. Possui o Curso Complementar dos Liceus. Sabe Inglês e Francês. A língua de porco é a que sabe melhor. Inscreve-se em hotéis, bares, restaurantes, lê anúncios, recorta-os, dirige-se ao Serviço Nacional de Emprego e apanha com um NAO do tamanho de uma légua. E essa gente revolucionária não hesita em proclamar o paraíso socialista, fazendo greves e manifestações todos os dias, destruindo a Nação, o Mundo, o Homem. Reclamam justiça ganhando sem produzirem e fomentando a divisão no seio dos descontentes. Um homem não envereda por uma vida inútil. Recusa as drogas, o fumo, o álcool, a prostituição. Denuncia as coisas falsas. Torna-se escritor activo. Escreve para todos os jornais. Aperfeiçoar-se. Quer publicar um livro. E o que lhe dizem? Coitado! É um vadio, um boémio, não sabe fazer nada, se calhar é um desses rapinantes que andam por aí solta. Enquanto isto, os jornalistas profissionais fazem greve, os ministros passeiam a mala diplomática, os partidos recebem uma mão-cheia para fazerem a sua propaganda, os militares com todo o

LUIS PEREIRA

COMISSÃO PRÓ-MUSEU
(continuação da pág. 1)
vamente enquadrada por um experiente arqueólogo com o qual a Comissão Pró-Museu conta estabelecendo contactos e aglutinando como seu componente. Na devida oportunidade se adiantarão, sobre este assunto alguns pormenores mais.

Cabe por sua vez acrescentar que a secção de espeleologia é constituída pelos elementos seguintes: Pedro Henrique Guerreiro Ferreira, Jorge Manuel Delfim dos Santos, Armando Martins Afonso, Domingos Manuel Cabrita Fernandes, João Joaquim Laginha Esteves e Carlos Baptista.

Vende-se automóvel

BMW 1600 em bom estado de conservação.

Tratar pelo telefone 62120 — Loulé, ou 65336 — Quarateira.

(3-2)

CAMION

Vende-se um camion, marca Leyland, Tara 6.580, Peso Bruto 16.000 Kg, em estado novo. Tratar pelo Telef. 65762 — QUARATEIRA.

FAMEL - ZUNDAPP

A GRANDE VENCEDORA DOS CAMPEONATOS

NACIONAIS DE 76, 77 E 78!

Motorizadas FAMEL - ZUNDAPP

um conjunto de confiança!

FAMEL — AGUEDA

(8-8)

ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA

(continuação da pág. 1)

e, há também que passar das promessas.

Nós os adultos e muito especialmente quem tem a seus membros a responsabilidade de governo tem a obrigação de algo fazer para que, daqui a décadas, os já então adultos sigam o nosso exemplo de agora.

Seria de toda a utilidade, o apacimento de obras úteis para as crianças, tais como Jardins, Parques Infantis, Creches, mais Escolas, etc. Para isso o tempo é pouco, nem ao menos as coisas estão programadas. Nem os Municípios têm dinheiro.

É pena, pois sem dúvida que outro Ano Internacional da Criança, nem tão cedo surgirá. Mas, ainda que possamos contemplar outro, que significado vai ter se neste nada fôr feito? Com boa vontade tudo é possível. Estamo-nos a lembrar do Parral, uma zona bastante povoadinha. O que dizer da sua Escola Primária? Simplesmente um desmaeiro inadmissível, superior a tantos outros, na medida em que o Parral não é um monte qualquer, com meia dúzia de habitantes. Por muitas desculpas que se tentem encontrar nenhuma nós leva a admitir aquela Escola e, muito menos, a mesma tenha a sua porta a desembocar numa estrada convidada como é o caso.

Teremos naturalmente, que reconhecer e louvar a humilde atitude dos Parragenses no seu conformismo, mas não resistiremos sem criticar o Município Louletano, se neste ano contemplativo da miudagem, continuar ignorando tal carência.

Muitas outras necessidades de fácil remedio, existem, é o caso das muitas paragens dos Autocarros, onde as pessoas, especialmente as crianças que seguem para os locais de ensino como

Loulé por exemplo, não têm sido contempladas com os indispensáveis abrigos, para se proteger da invernia e do sol.

O autor destas linhas apresentou o caso na última Assembleia Municipal de 17/2/79. É de crer que o Município de Loulé, tenha oficializado a Rodoviária Nacional. Resta então que esta Empresa de serviço Público, em colaboração com o nosso Município, procedam imediatamente à colocação de abrigos de proteção para todos os utentes dos seus serviços e muito especialmente, nas zonas de maior acumulação de gente jovem, frequentadores do ensino preparatório. Constitui isto, só um dever, como ao mesmo tempo, a concretização de uma obra a assinalar as comemorações em causa.

Aliás, há cerca de um ano, em conversa informal, foi-nos dito, e ao Director de «A Voz de Loulé», pelo Director do Centro n.º 9 da Rodoviária Nacional, que ia informar todas as Câmaras da sua zona, para que estas se pronunciassem no sentido de indicar os pontos mais movimentados e cairados de tais abrigos. Ora, um ano já decorreu sem que esta promessa voluntária, (pelo menos no nosso conceito), tenha constituído uma realidade. Não obstante, o Centro N.º 9 ser dos poucos da Rodoviária Nacional, que têm apresentado saldo positivo. Assim, sugerimos que nas carreiras de Quarteira, Almancil, Boticame (por Vale Judeu), Parral, Barranco do Velho e S. Brás, todas com destino a Loulé, sejam o mais urgente possível, dotadas com os respectivos abrigos de proteção, para bem do público utente, que merece ser servido. E para que alguma fique feita para assinalar o Ano Internacional da Criança.

MANUEL FARIA

Nova «imagem» da TAP

(continuação da pág. 1)

empresa, harmonia da imagem, nome do País e alusão à bandeira nacional e incentivo de qualidade para os trabalhadores da empresa.

O grupo de trabalho encarregado da nova imagem justifica a adopção referida pelas seguintes razões:

Primeiramente o identificar-se com o País, o que era negativo em 1972 no mercado da Escandinávia por exemplo, pelo sistema político então vigente em Portugal; por outro lado, a falta de expressão internacional; e ainda o de na África do Sul a TAP ser confundida como um operador que fazia somente Lisboa-Londres-Lisboa e, no Brasil a ideia que predominava era a de que a TAP voava exclusivamente entre Portugal e o Brasil, isto devido sobretudo ao voo da Amizade.

A própria denominação da empresa — TAP — traduzida em vários idiomas, além de divergente, trazia problemas de assimilação da imagem de marca sobre tudo em mercados sofisticados.

Assim, numa primeira fase, a TAP passará a denominar-se Air Portugal em que o T, do logotipo, como pode ser observado pela nova decoração exterior dos aviões fica por desenhar ou seja em moldura, para precisamente realçar as letras AP que suportariam numa fase intermédia Aéreos Portugueses e, simultaneamente, criariam abertas ao Air Portugal.

TÁXI

Compra-se (com direito à Praça), ou carro de aluguer, que trabalhe no Algarve (de preferência Loulé ou Faro).

Escrever ao sr. Ribeiro Diamantino — 53 Rue Littré — 18000 Bourges — France.

NOTARIADO PORTUGUÊS

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE OLHÃO

CERTIFICO, narrativamente para efeitos de publicação, que por escritura de vinte de Março do corrente ano, exarada de folhas setenta e nove a oitenta verso do livro C-UM, de notas para escrituras diversas, deste Cartório, a cargo da Notária Licenciada Maria do Carmo Vilhena Sequeira e Serpa Leal Cabrita, se encontra exarada uma escritura de Justificação Notarial, na qual JOÃO COELHO e sua mulher MARIA DE SOUSA GONÇALVES, também conhecida por MARIA DO ALTINHO CARAPETO, casados segundo o regime da comunhão geral de bens, residentes na cidade de Mount Vernon, Estados Unidos da América do Norte, se declaram que são donos e legítimos possuidores de um prédio rústico que consta de terra de semear, sito em Cavacos, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, a confrontar pelo norte com Margarida da Conceição, viúva e outros, nascente com Carlos Guerreiro Nunes e outro, sul com o caminho e do poente com Olívia da Conceição, inscrito na respectiva matriz em nome da justificante mulher sob o artigo 1.685, com o rendimento colectável de cento e dezoito escudos, de que resulta o valor matricial de dois mil trezentos

e sessenta escudos e a que atribuem o valor de cinco mil escudos, não descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé.

Mais certifico que os justificantes possuem o referido prédio em nome próprio há mais de trinta anos, sem a menor oposição de quem quer que fosse desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que o adquiriram por usucapião, não tendo todavia dado o modo de aquisição, documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

Cartório Notarial de Olhão, vinte e três de Março de mil novecentos e setenta e nove.

Está conforme ao original.
O Ajudante,
António Gomes Relógio
Júnior

Vende-se

Quinta rústica com grande pomar de frutais vários e -nun (cerca de 2000 m²). Abundância de água do rio/barragem e poço, situada em Enxarim (a 1 Km de Silves), denominada Horta Poço do Araido. Tratar no próprio local ou pelo Telef. 2103489 — ALGÉS.

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

Quando ainda aqui no Algarve a moura gente
Tinha o seu predomínio bem formado
Um mouro muito rico, e já viúvo
Era alcaide em Loulé, mui respeitado.

Tinha esse mouro três formosas filhas
A quem prezava como a luz do dia
Por elas era todo o seu desvelo
Qual delas mais prezava, nem sabia.

Era Zara a mais velha, e tinha apenas
Cinco lustros não mais, bela em figura
E depois Lídia e Cassima ambas jovens
De peregrina e bela formosura.

Possuía este mouro, dos encantos,
O dom aprimorado da magia
Arte que no Alcorão tinha estudado
E de Mafoma em leis que possuía.

Quando Peres Correia sobre o Algarve
Em continúa conquista ia avançando
E os mouros em derrotas sucessivas
Iam por toda a parte fraquejando.

Tão rápido Loulé fora atacado
Com tão audaz e estranha valentia
Que o pobre mouro, o alcaide, para salvar-se
Co' as filhas retirar-se não podia.

Para as salvar da morte e dos maus tratos
Crente de que mui breve ali voltava
Lembrou-se dos recursos da magia
Extrema garantia que encontrava.

Com elas marcha trémulo e apressado
Fazendo-lhes saber que p'ra salvá-las
Preciso era, no vale que possuiam
Da vila, um pouco fora, ir encantá-las.

Elas choravam lágrimas sentidas!
Chorava ele também a sua sorte!
Mas o momento urgia e mais demora
Era a vida trocarem pela morte.

Já perto da vila Sinal era aquele
Nas serras fronteiras P'ra luta sangrenta
Retumbam os ecos Mas nem de a aceitar
Das tubas guerreiras Alguém ali tenta

Vamos! coragem, filhas da minha alma
É chegado o cruel triste momento
Preciso é sujeitar ao sacrifício
Dando o final adeus do apartamento.

Brevemente virei desencantar-vos
Não vos perturbe aqui da morte a ideia
Que o nosso q'rido lar há-de ser nosso
Não ficará entregue a mão alheia.

E dando o extremo abraço, em despedida
Um beijo em cada uma deu na fronte
Com a vara de condão nelas tocando
Tornou-as transformadas numa fonte.

E curvou-se, escutando, e nem ao menos
O mais leve gemido ali ouviu
E como alucinado, espavorido,
Para Tanger sem demora se evadiu.

As lágrimas das três castas donzelas
Formando tão somente uma corrente
Que no vale entre as flores mais singelas,
Passa branda e subtil, mansa e dolente.
São águas tão subtils, frescas, tão belas
Que por muito que seja o sol ardente
Todo o espaço que banham com doçura
Se conserva coberto de verdura.

Complementaridade entre a Democracia e a Cultura

A Cultura é e devemos querer que seja, em toda a sua dimensão fonte originária, de promoção e de alimentação permanente da Democracia, oferecendo-lhe esta reciprocamente, o ambiente e as condições fecundas à sua expansão, numa unissonância e conjugação de tendências e valores paralelos.

A Sociedade é tanto mais rica quanto maiores as facilidades dadas aos seus membros, no desenvolvimento das suas potencialidades até ao empenhamento máximo das suas virtuais e reais capacidades, orientadas no sentido construtivo da Democracia política, económica, social e cultural, numa inserção adequada, específica e especialização profissional, nos diversos quadrantes ou sectores do Trabalho útil e construtivo desejado. Só a Educação e Ensino e uma acção permanente em participação sócio-cultural, com aplicação dos conceitos básicos e fundamentais inspirados na Socialização Democrática, poderão atingir os objectivos, que pressupõe a personalização do homem como, ser consciente, responsável, social, liberto, totalmente disponível em relação à sua Comunidade, vivendo em total e mútua correspondência de direitos e deveres para com ela.

Não pode existir uma verdadeira Democracia, que se não apoie em homens conscientes, responsáveis, livres e sociáveis, capa-

zes a um tempo de a promover, salvaguardar, nela participar e, reciprocamente não é possível, uma verdadeira Cultura senão num clima autêntico de Democracia, onde haja lugar a todas as expressões e opções, facultando a todos iguais possibilidades de participação.

Situamo-nos presentemente, num período de aceleração da história, não nos permitindo unicamente satisfazer com o presente, devendo vivê-lo intensamente e, simultaneamente descobrirmos o sentido da evolução da Humanidade, para que não sejamos ultrapassados e dominados, com todas as consequentes implicações, que poderão na realidade

Manuel Bota Filipe Viegas

Agora ou nunca

É bom que se adopte e melhor se utilize este mote, antes que seja tarde.

«Agora ou nunca», sugere-nos uma ocasião soberana a não desperdiçar e que jamais se repetirá. Ou se aproveita, ou se perde, sem remissão.

Se se aproveita há congratulações, se se perde há contrições, remetidas depois para o olvido.

É de esquecer o que nos desagrada e uma negligência imperdoável, fere o nosso orgulho, inclusivamente a nossa validade.

Um ditado velhíssimo português concede-lhe uma entonação mais circumspecta: «Não deixes para amanhã o que puderdes fazer hoje».

A diferença reside na premência sem alternativa assentida no primeiro axioma e na prioridade aconselhada no segundo.

De qualquer forma são correlativos no sentido de acção imediata a não adiar.

Contudo, o mais comum é o inverso.

O adiamento das resoluções importantes está na ordem do dia.

E quantas vezes adormecem...

para sempre.

De intenções (e de projectos),

como sói é dizer-se, «está o inferno cheio».

«DIÁRIO DE NOTÍCIAS» dá eco da morosa entrega de uma carta

Reportando-se a uma local inserida neste semanário, referida à morosa entrega de uma carta expedida de Faro a 29 de Novembro, pelos CTT, e entregue ao destinatário, a 23 de Janeiro do corrente ano, o jornal «Diário de Notícias», de Lisboa, publicou na sua edição de 21 de Fevereiro último, uma síntese que finaliza com o seguinte comentário:

«É natural que, à data da expedição, a carta ainda não levasse o Código Postal, mas a verdade é que se trata, de facto, de muito tempo para tão curta distância...».

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS

Para esclarecimento dos interessados, esclarece-se que se encontra a pagamento, durante o mês de Abril nas Tesourarias de Finanças, o Imposto de Capitais — Secção A do ano de 1978.

IMPOSTO DE SELO

SOBRE VEÍCULOS

É PARA AS CÂMARAS?

Ao que consta, e a fonte é fiduciária, o Imposto de Selo sobre os veículos, constituirá futuramente receita que reverterá a favor das autarquias locais onde estiverem registadas.

A disposição aventada, está a ser objecto de estudo por parte de um grupo de trabalhos do Ministério das Finanças, havendo dúvidas quanto a estabilização das taxas em vigor.

Também, é duvidosa a atribuição às Câmaras Municipais de poderes que lhes permitam alterar as taxas fixadas ou a fixar pelo Estado.

FESTIVAL DE MÚSICA POPULAR

Pensando que é necessário chamar a atenção de todo o País para a acção desenvolvida pelos agrupamentos musicais populares, constituídos predominantemente por trabalhadores, os quais representam um património inestimável na cultura portuguesa, vai o INATEL promover, no final de Setembro deste ano, uma grande realização a nível nacional, a qual não poderá deixar de contribuir para uma tomada de consciência do que todos nós, em maior ou menor grau, devemos à dedicação e ao esforço daqueles que, nos seus tempos livres, se dedi-

cam à música, quer instrumental quer coral.

A esta realização, a qual englobará centenas de concertos e dezenas de desfiles, em todo o território nacional, e que decorrerá de 22 a 30 de Setembro, foi dada a designação de Festival de Música Popular.

É evidente que para se levar a cabo, em toda a sua plenitude, uma iniciativa daquelas, é necessária e fundamental a colaboração dos que, nas Bandas e Filarmónicas, nas Tunas e Orquestras Típicas, nos Coros e Orfeões, fazem música por devoção e por inclinação natural.

DISCRETAMENTE A PRIMAVERA CHEGOU

(continuação da pág. 1) pertar, outra vez e novamente, se bem recordamos, nos entreolhamos.

Que «relógio» é este que comanda o permanente e cíclico re-mocar?

Alguma coisa se agita bem lá no fundo do inconsciente, como emanção vitalizadora, também ela resposta a uma enigmática mensagem recebida de algures.

Aparentemente seremos os mesmos, mas, de algum modo, contagiados pela subtil generosidade que nos circunda e conforta. A esperança é-nos transmitida, só nos cabendo rejeitar ou aceitar.

J. C. VIEGAS

ORAÇÃO DE FÉ

Há-de voltar Portugal, aquele que agora só existe no coração dos portugueses, daqueles que o são; aquele que desapareceu de todos os quadrantes pelo ódio, pela loucura, pela prepotência dos vendidos ao diabo prefigurando em Deus sabe quem.

Há-de voltar Portugal, já mais pequeno, talvez, mas tão grande de alma, que ofuscará o sol, seja o sol o que for.

Há-de voltar Portugal, mas só para os portugueses que o são; de todas as raças, de todas as cores, de todos os cantos do mundo, mas dum só alma, dum só coração, dum só fé lusíada.

Há-de voltar Portugal e ter um português que o governe, que o defenda dos ventos do mal. Um português que seja um chefe e um amigo. Que defenda a Liberdade e a Justiça; que defenda o riso das crianças, a fé dos adolescentes, os sonhos dos jovens, a luta dos adultos, e a tranquilidade dos velhos. Que defenda a família, a moral e os bons costumes; o sossego nos lares, a ordem nas ruas, e o trabalho nos campos e oficinas.

Todos os povos têm um momento de insânia em que são levados a seguir traidores que dão ou vendem a pátria com um riso cúmplice, mas esses passam e a História só a eles se refere com uma palavra.

Há-de voltar Portugal, e ter um chefe; que já o tenha, assim esperamos.

E com humildade pedimos que assim seja.

ANTÓNIO JOAQUIM

V Volta ao Algarve em Bicicleta

(continuação da pág. 1) são de que, dados os antecedentes históricos, e o merecimento que o público amante do ciclismo, os atletas, e todos os que, directa ou indirectamente, se encontram ligados à modalidade, são credores, foi decidido lançar mãos à obra, e colocar de pé uma organização que muito contribui para a animação desta bela região que é o Algarve.

COMISSÃO EXECUTIVA

A Volta ao Algarve dispõe de uma Comissão Executiva presidida por José Mendes Bota, coadjuvado por José da Silva Teixeira, José Manuel Ramos Viegas, José Manuel Farrajota, João de Brito, Brito da Mana e Alfredo Guerreiro.

Certa de que não é possível isentar de erros uma organização deste género, feita em tão curto espaço de tempo, a Comissão Executiva da Volta ao Algarve em Bicicleta, apela, desde já, à compreensão de todos, clubes, atletas, acompanhantes, juízes e cronometristas, público, autoridades e órgãos da comunicação social,

para as inevitáveis falhas que certamente irão surgir.

Antecipadamente gratos pela vossa atenção, terminamos com algumas indicações de carácter geral sobre o que vai ser a 5.ª Volta ao Algarve em Bicicleta, e com a promessa de oportunamente divulgar notícias sobre este acontecimento.

28/4/79 — Prólogo (em local a designar).

28/4/79 — 1.ª etapa — Loulé-Faro — 140 Km.

29/4/79 — 2.ª etapa — PISTA BEXIGA PERES — 5 Km.

29/4/79 — 3.ª etapa — VILA-MOURA-PORTIMÃO — 151 Km.

30/4/79 — 4.ª etapa — PORTIMÃO-FÓIA — 161 Km.

1/5/79 — 5.ª etapa — SILVES-ALMODOVAR — 105 Km.

1/5/79 — 6.ª etapa — LOULÉ-FILCOTA — 9 Km em contra-relógio individual.

Quilometragem total a percorrer: 579 quilómetros.

A Prova será destinada a equipes de seniores A, e seniores B, não podendo o número destes últimos exceder os três ciclistas.

No total, cada equipa poderá apresentar-se com um máximo de oito atletas em prova.

Estão a desenvolver-se esforços no sentido de conseguir-se a participação de duas equipas estrangeiras, o que viria a dar um carácter internacional a esta prova.

EM ALBUFEIRA

reabriu

0 «Restaurante Alfredo»

As Organizações Hoteleiras Fernando Barata reabriram recentemente em Albufeira o apreciado Restaurante Alfredo, que funciona na Rua 5 de Outubro.

O refinado estabelecimento proporciona no 1.º andar uma cuidada cozinha internacional. No rés-do-chão a pastelaria que lhe estava anexa foi transformada num «grill» com capacidade para 48 pessoas, de serviço igualmente agradável mas a preços sensivelmente mais modestos.

II EXPOSIÇÃO DE ARTE DOS TRABALHADORES

O INATEL vai realizar a II Exposição de Arte dos Trabalhadores, que terá lugar em Lisboa, de 15 a 30 de Novembro de 1979.

Neste certame podem participar todos os trabalhadores, com qualquer tipo de trabalho, em que se manifeste espírito de criatividade de habilidade, engenho artístico ou de originalidade, ou ainda com quaisquer objectos de artesanato, ou que pela sua natureza e qualidade possam interessar ao conhecimento dos usos e costumes locais quer sejam ou não executados em oficinas próprias.

As inscrições podem ser individuais ou colectivas e deverão fazer-se até 31 de Maio, em boletins próprios fornecidos gratuitamente pelo INATEL.

As obras destinadas a esta exposição devem ser despachadas para Lisboa até ao dia 20 de Outubro próximo.

Para outras informações devem os interessados dirigir-se, por qualquer via, ao INATEL — Calçada de Santaná, 180 — 1198 Lisboa Codex, ou à sua Delegação em Faro.

Remessas de emigrantes atingiram no ano passado

74 milhões de contos

Segundo revela o Banco de Portugal as remessas de 1978 dos emigrantes portugueses ascendem a 74 226 milhares de contos.

Em função dos países de origem, a França vem à cabeça das poupanças com 54% (44 milhões de contos), seguida depois

da República Federal da Alemanha com 14% (10 milhões de contos), Estados Unidos com 6% (4,4 milhões de contos) e a Venezuela 3,2 milhões de contos.